

Festa na Vila Varjão

Moradores comemoram a realização de um sonho: a fixação da vila no Lago Norte

Geralda Fernandes

A decisão do governador Joaquim Roriz de fixar a Vila Varjão — invasão localizada no Lago Norte — foi recebida como a realização de um sonho pelos moradores do lugar, que hoje abriga cerca de 720 famílias, totalizando aproximadamente quatro mil pessoas. O pequeno grupo de 93 famílias que se abrigavam em meio a um matagal em 1975 se multiplicou, agregando pessoas vindas das favelas vizinhas ao Córrego do Torto. A presidente do Conselho Comunitário do Lago Norte, Sílvia Seabra, que desde o início da invasão trabalha com a comunidade, afirma que esta é também “uma grande vitória para os habitantes do Lago. É o cumprimento da promessa feita por Roriz”.

A opinião de Sílvia é compartilhada por vários moradores que afirmaram ontem que “a existência do Varjão foi sempre ponto pacífico no Lago Norte”. Walter Filgueiras, morador da QI 8, disse que a fixação da Vila era “questão de honra”, não só para o governador como para a Prefeitura do Lago Norte “que desde 1981 briga pela urbanização da invasão”. “Nós também fomos beneficiados pela decisão do governador”, complementou Maria Rosa Praxedes, professora residente na QL 6, acrescentando que grande parte da mão-de-obra prestada no Lago Norte, como pedreiros, marceneiros, jardineiros e auxiliares domésticos, é proveniente dos moradores da Vila.

Área valorizada

A infra-estrutura que o Varjão tem hoje, que é mínima, veio a passos lentos. Aos poucos chegou a igreja, o Mobral, o poço artesiano, a escola — inicialmente de lata — o telefone público — um orelhão — e o posto de saúde. A ajuda da Legião Brasileira de Assistência (LBA), do padre Gustavo Desjardins e da ex-prefeita do Lago Norte durante 13 anos, Sílvia Seabra, faz parte da história dos antigos e novos moradores.

Área de grande valor imobiliário pela proximidade com o Plano Piloto e também pela magnífica paisagem — com uma vista ampla do Lago — tudo seria perfeito não fossem os barracos pobres e as ruas esburacadas. Os moradores se queixam também do transporte e da falta de segurança, embora seja uma “área que não traz grandes problemas”, segundo os habitantes e a própria delegacia responsáveis pelo setor, a 9ª DP. A falta de água, no entanto, é queixa comum de todos. Várias casas possuem água encanada mas que vem dia sim dia não.

Evasão

O índice de evasão escolar é um dos maiores do DF, cerca de 30% nos primeiros quatro anos escolares. A escola, hoje de alvenaria, atende somente até a 4ª série do primeiro grau e muitas crianças são obrigadas a parar com os estudos por falta de condições de transporte para as escolas do Lago ou da Asa Norte. “A escola é grande e tem capacidade para receber os alunos, o que faltam são os professores”, afirma Sabina Batista da Silva, presidente da Associação de Moradores e diretora da Creche Comunitária, que atende hoje a cerca de 100 crianças na faixa de zero a seis anos.



Os habitantes do Varjão reclamam da falta de infra-estrutura, segurança e transportes. A área tem grande valor imobiliário

FSS derruba dois barracos

A meta do governador Joaquim Roriz de não permitir o surgimento de novas invasões já está sendo cumprida pela Administração Regional do Plano Piloto que ontem retirou os invasores em pontos ao longo do Eixo Norte. Com a ajuda policial, funcionários da Administração e da Fundação do Serviço Social derrubaram dois barracos, na altura das quadras 116/216 com cerca de dois metros quadrados e 75 centímetros de altura, onde habitavam quatro famílias com dez crianças. A retirada foi pacífica.

O fiscal de posturas da Administração do Plano Piloto, Antonio Segundo de Moraes, informou que algumas famílias já haviam sido retiradas e mandadas para Braziliinha. O auxiliar social da FSS, Bionardo Souza Barbosa, disse que na vez anterior as famílias receberam ajuda para a construção de barracos nos lotes que possuem.

Segundo Isanete de Lima Silva, a ajuda — Cr\$ 15 mil — “não dá nem para comprar tijolos. Além do mais quem vai pensar em construir se está passando fome? O dinheiro foi empregado na compra de alimentos”, desabafou.

Ontem, os representantes da Administração e da FSS, que compareceram ao local para a derrubada dos barracos, não deram nenhum tipo de auxílio.



As quatro famílias não reagiram à derrubada dos barracos, ontem, na altura da 116 Norte